

Dois músicos

Adérito Silveira



Um dia, a centenária coletividade desfilava solene e irrepreensível na aldeia de Vassal rumo ao coreto. A estrada apresentava-se grande e larga, colorida pela excitação da multidão e pelos muitos arcos engalanados.

A Banda de Mateus exibia uma marcha muito inspirada capaz de arrastar um soldado para a guerra. Começava com um toque de trompetes que parecia iluminar o céu com os seus raios sonoros alaranjados. A marcha revestia-se de uma particularidade ao nível da intervenção do bombo e dos pratos. Estes dois instrumentos iriam ser solistas por breves momentos.

Zé Barrias era o homem do bombo, Álvaro Rainho o soberano tocador dos pretos. Os sons ouviam-se agora mais brilhantes e altivos até à intervenção dos dois instrumentistas. Não, eles não podiam falhar no momento certo onde um absoluto silêncio e suspense se impunham... Barrias e Álvaro iam ser o alvo de todas as atenções. Naquele lugar, mais ou menos a meio da marcha eles eram os protagonistas e a responsabilidade recaia-lhes em cima dos ombros. Ali, naquela parte da música nem sempre foram bem-sucedidos. Muitos profissionais não dariam tanta importância a uma eventual falha da percussão.

Lembro um pratileiro da Banda de Nogueira, quando por lá passei como mestre em 1985, que no coreto, os seus olhos raiavam vivos e incandescentes sempre que fazia subir bem alto os pratos para os ares...a sua cabeça também subia como alguém em ato de adoração!

No momento certo, o Álvaro levanta o prato suspenso aproximando-o para o Barrias. Este, com a maceta tenta acertar-lhe bem no centro. Neste preciso momento os óculos escuros do pratileiro soltam-se e caem ao chão... na atrapalhação Álvaro Rainho retira-lhe o prato fazendo com que a maceta lhe caia em cheio no seu pé direito. Condoído, mostrava no seu olhar uma alvura de gelo e uma imobilidade tumular... com as dores, não evita um doloroso grito ao mesmo tempo que a maceta se rebola no pavimento da estrada. Na sua fama de malabarista o Barrias agarra-a o mais rapidamente possível, levando num gesto de boa vontade, a maceta para cima...porém, era já tarde.

Os dois olharam-se com respeito e clemência, perante a sufocação de espanto do Galado e do Diamantino Monteiro. A banda tinha falhado, proporcionando a alguns mirones, impiedosos e sarcásticos sorrisos que feriram o ego artístico dos dois percussionistas. No entanto, esse tema havia de repetir-se. Era uma oportunidade para salvarem a honra e a glória da banda. Eles sabiam que agora não podiam falhar. E não falharam mesmo porque isso não era habitual neles.

De facto, a repetição foi certa e triunfante. O *tchim, pum* consumou-se, desencadeando um suspiro de alívio e exaltação a todos os músicos. A postura e o toque dos dois foram a demonstração de que qualquer artista tem direito a falhar. Já no final da marcha, Zé Barrias com o seu ar enigmático e matreiro, pisca o olho ao Álvaro como a querer dizer-lhe: “ Ó Álvaro, para a próxima vez ata bem os óculos à cabeça...”

É esta a imagem incrivelmente feliz e bonita que guardo para os dias menos perfeitos, preenchidos de luz e de sombras que fazem correr em mim o néctar vivo da vida com os seus encantos...

Nesses tempos, o convívio em festas e romarias era a marca indelével que dava sustento às amizades, aos namoros que muitas vezes davam em casamentos ou aos engates de ocasião sem qualquer efeito prático. Também eram lugares de ajustes de contas, ou espaços de culto a um qualquer santo protetor.

Vestidas de festa, as pessoas tornavam a festa ainda maior, quando, no recinto dançavam freneticamente ao som das bandas de forma apaixonada em rodopios de loucura.

Nesse arraial no Vassal, as rapsódias fizeram-se ouvir em toda a dimensão apoteótica. A dança teve a sua expressão maior quando pelas quatro da manhã dois velhos embriagados pelo poder da música se beijaram levando os seus corações a um crescendo de paixão palpitante. “Aguarela Popular”, impunha-se como sempre.

Dois homens, dois exemplos que passaram por Mateus e pela sua banda. Duas figuras incontornáveis de paixão e cumplicidade porque ambos tocavam a parte da percussão que no dizer do Álvaro Rainho era constituída por instrumentos que determinavam o ritmo e davam força à música que alimentava a alma.

Álvaro Rainho confessou um dia que a percussão era realmente fundamental num qualquer agrupamento instrumental. Mas, conhecedor do bel-canto, zarzuelas e operetas dizia categoricamente: “não há nenhum instrumento que possa competir com a expressividade sublime da voz humana”.

Os criadores criam-nos e, quando morrem, morre também uma parte de nós...por vezes sentimo-la como um membro que nos falta para sempre. Álvaro Rainho e Zé Barrias, dois nomes sempre presentes...